



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
CURSO DE LICENCIATURA INTEGRADA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS
MATEMÁTICA E LINGUAGENS

ESTELITA BARBOSA GAMA

**MEMÓRIAS E REFLEXÕES DE UMA DISCENTE SOBRE A
PRÁTICA DE DOCÊNCIA**

BELÉM-PA

2019

ESTELITA BARBOSA GAMA

**MEMÓRIAS E REFLEXÕES DE UMA DISCENTE SOBRE A
PRÁTICA DE DOCÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso - Memorial de Formação
- apresentado à Faculdade de Licenciatura Integrada em
Educação em Ciências, Matemática e Linguagens do
Instituto de Educação Matemática e Científica da
Universidade Federal do Pará (IEMCI/UFPA) como
requisito parcial para obtenção do título de licenciada em
Educação em Ciências, Matemática e Linguagens.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Maria de Fátima Vilhena da Silva.

BELÉM-PA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G184m Gama, Estelita Barbosa
Memórias e Reflexões de uma Discente sobre a Prática de
Docência / Estelita Barbosa Gama. — 2019.
49 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Maria de Fátima Vilhena da Silva
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Licenciatura
Integrada em Educação em Ciências, Matemáticas e Linguagens,
Instituto de Educação Matemática e Científica, Universidade
Federal do Pará, Belém, 2019.

1. Estágio Curricular. 2. Realidade Escolar. 3. Formação
Docente. 4. Portfólio. I. Título.

CDD 370

ESTELITA BARBOSA GAMA

MEMÓRIAS E REFLEXÕES DE UMA DISCENTE SOBRE A PRÁTICA DE DOCÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso - Memorial de Formação - apresentado à Faculdade de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens do Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará (IEMCI/UFPA) como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a Dr^a MARIA DE FÁTIMA VILHENA DA SILVA

Examinadora interna: Prof^a Dr^a ELINETE OLIVEIRA RAPOSO

Examinadora externa: Prof^a Espec. VERA DÉBORA MACIEL VILHENA

Data de defesa: 16 / 12 / 2019

Conceito: EXCELENTE

Dedico este trabalho de conclusão de curso à mulher que a mim dedica todos os dias da sua vida. Mãe, você é meu suporte e a ti dedico este memorial.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é um dos sentimentos mais nobres do ser humano. Diante disso, escrevo aqui os meus sinceros agradecimentos para todos que contribuíram de maneira direta ou indiretamente no meu crescimento pessoal, na minha formação profissional e no meu trabalho de conclusão de curso.

Começo por agradecer ao nosso senhor Deus e à minha mãe Maria Telina Barbosa por estarem comigo nesta jornada e nunca desistirem de mim;

Aos meus irmãos Estelina Gama, Luis Gama e Eslina Gama que me motivam em cada dia desta caminhada, contribuindo economicamente e emocionalmente;

Aos amigos, Maria Daniella, Laércio Barros, Ludmila Amaral, Nizandra Costa e Sérgio Júnior pelas palavras de incentivo, bem como gestos que me deram muita força na minha caminhada acadêmica;

Aos meus queridos filhos Diego Lima e Stefanie Gama por acreditarem e participarem efetivamente na realização deste sonho;

A escola que me permitiu realizar minhas práticas e estágios de docência, particularmente a professora Mara (nome fictício) por me receberem com carinho, possibilitando-me a construção de atitudes críticas e reflexivas a respeito do processo de ensino e aprendizagem;

Aos alunos da escola por me permitirem a ensinar e aprender com eles;

A todos os professores do Curso de Licenciatura Integrada que contribuíram com minha formação docente, em especial a minha orientadora professora/doutora Fátima Vilhena pelo apoio científico, orientação e incentivo constante;

E finalmente a Universidade Federal do Pará - UFPA e ao Curso de Licenciatura Integrada por me proporcionarem imensos saberes essenciais a minha formação acadêmica e social.

RESUMO

Este memorial de formação tem como objetivo refletir sobre a minha trajetória enquanto discente, a qual se inicia na Educação Infantil, perpassando pelo período da educação básica (Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio) e, atualmente, o Ensino Superior. Enfatizo as minhas vivências no período do segundo semestre de graduação, em uma escola da rede pública, situada no bairro do Guamá, na cidade de Belém do Pará, onde desenvolvi algumas atividades, no ano de 2016, referentes ao estudo do tema “Prática Antecipada à docência em Espaços Formais de Ensino de Ciências, Matemática e Linguagens”, pertencente ao Eixo Temático VI ministrado pela Professora Doutora Fátima Vilhena, no qual iniciei a construção de um portfólio o qual permitiu fazer minhas primeiras críticas e reflexões sobre a docência. Também, conta outras experiências vividas durante Estágio de Docência I em 2018, supervisionado pela mesma professora em questão. Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa descritiva de cunho qualitativo, o qual utiliza técnicas como a observação direta e vivências na sala de aula e em outros espaços escolares. Destaco experiências que me são relevantes, e proporcionam reflexões sobre o processo de formação profissional docente, em que agregam inúmeros saberes acumulados no âmbito acadêmico e nas práticas vivenciadas no âmbito escolar. Apresento análise de fatos sobre como se constrói a identidade profissional a qual se consolida à medida que se experimenta ao longo do tempo a docência, colocando-me em muitas vezes não mais na posição de estagiária, mas como futura professora. As memórias neste texto, apoiadas nas reflexões e alinhavadas com autores importantes na área educacional traduzem minha percepção de mundo mais apurada sobre o significado do educador e o sentido das práticas pedagógicas. Além disso, permitem compreender o valor do desenvolvimento de estratégias produtivas que contribuem significativamente para a formação docente e para a aprendizagem de diferentes alunos.

Palavras-Chave: Estágio Curricular. Realidade Escolar. Formação Docente. Portfólio.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cadernos com a Produção Textual dos Alunos sobre a Fábula “Bruna e a Galinha D’angola”	25
Figura 2 - Modelo de caixa problemoteca	31
Figura 3 - Caixa Problemoteca: confecção autoral	31
Figura 4 - Modelo de baú de história	33
Figura 5 - Baú de História: confecção autoral	34
Figura 6 - Conto e Reconto de História	34
Figura 7 - Reconto de lendas feita pelos os alunos	37
Figura 8 - Algumas produções dos alunos sobre a “Lenda do Curupira”	38
Figura 9 - Jogo da Velha	40
Figura 10 - Brincadeira de Pula Elástico	40
Figura 11 - Pés de lata	41
Figura 12 - Vai-e-vem de garrafa pet	41
Figura 13 - Brindes: Piões em CD, anéis de missangas, ponteiros de lápis e laços de cabelo	42
Figura 14 - Apresentação da história: “Uma rainha bem maluquinha que pensa ter perdido sua coroa”	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. VIVÊNCIAS DE UMA ALUNA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E BÁSICA: DO PRIMÁRIO (ANOS INICIAIS) AO ENSINO MÉDIO.....	12
1.1. Primeiras experiências de aprendizagem em matemática, língua portuguesa e ciências.....	15
2. ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA EDUCACIONAL: REALIDADE DE UMA DISCENTE DE LICENCIATURA INTEGRADA.....	18
2.1. Considerações sobre a escola a escola de atuação.....	19
2.2. A professora regente dos anos iniciais: desafios e perspectivas.....	20
2.3. Experiências exitosas na formação docente.....	23
2.4. Religiosidade x Educação Escolar.....	26
2.5. Formação cidadã com diferentes atividades: pesquisa, brincadeiras e encenações.....	27
2.6. Ensinando matemática - professora e estagiária.....	29
2.7. Atividades complementares: planejamento lúdico para trabalhar com textos.....	32
2.7.1. Conto e reconto de história.....	33
2.7.2. O gênero textual lenda no contexto da sala de aula.....	35
3. ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA I.....	39
3.1. Projeto “plantando rosas colhendo paz”: combate à violência escolar.....	39
3.2. A importância da criatividade pedagógica no trabalho docente.....	42
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47
ANEXO I.....	49

INTRODUÇÃO

Este memorial de formação se consolida como um evento marcante em minha trajetória como graduanda em uma área voltada para a educação, pois este memorial se tornou importante tanto como etapa de conclusão do Curso de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens; quanto para contribuições significativas de ordem científica, educacional e social.

Diante disso, o presente texto tem como foco refletir sobre os relatos da minha trajetória escolar, a qual se inicia na Educação Infantil, perpassando pelo período da educação básica (Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio) e, atualmente, o Ensino Superior, enfatizando as minhas vivências no período do segundo semestre de graduação, em uma escola da rede pública, situada no bairro do Guamá, na cidade de Belém do Pará, onde desenvolvi algumas atividades, no ano de 2016, referentes ao estudo do tema “Prática Antecipada à docência em Espaços Formais de Ensino de Ciências, Matemática e Linguagens”, pertencente ao Eixo Temático VI ministrado pela Professora Doutora Fátima Vilhena. Destaca-se que as vivências sucedidas nesta etapa inicial da graduação do Curso de Licenciatura Integrada demonstraram-se relevante ao processo de minha formação profissional, pois agregou saberes da prática em sala de aula às teorias concebidas à época.

Nesse caso, o discente em processo de formação precisa vivenciar as realidades escolares que possam proporcionar indagações sobre a sua escolha profissional e também sobre as práticas pedagógicas no meio educacional. Sendo assim, apresento reflexões e referências históricas e socialmente construídas no decorrer desse processo de formação pessoal e educacional (básica e superior), para potencializar práticas de ensino e aprendizagem enquanto professora.

Friso ser expressivo essa convivência inicial atuando em sala de aula, sendo um espaço no qual atuaremos como futuros profissionais da área da educação. E embora haja a necessidade de aperfeiçoar em termos de teoria, por nos encontrarmos no prelúdio da graduação, ao observar e interagir com as práticas do professor regente de sala de aula, pode-se abstrair conhecimentos e informações como: De que maneira o professor/professora coordena os momentos de ensino aprendizagem de seus alunos? Como interage com as mais diversas situações do cotidiano escolar? Qual sua postura diante da indisciplina em sala de aula?

Partindo desses pressupostos, o licenciando pode construir uma percepção de mundo mais apurada em relação às práticas pedagógicas, buscando a aproximação da realidade escolar, desenvolvendo estratégias produtivas que contribuam significativamente para a formação docente.

Nesse sentido, destaca-se que este trabalho se caracteriza como uma pesquisa descritiva de cunho qualitativo, a qual permite projetar memórias de determinados momentos de minha trajetória e fomentar diferentes abordagens para análise dos dados obtidos. Além disso, a pesquisa também foi desenvolvida pela análise de dados fornecidos pelo corpo administrativo da escola pública na qual atuei, sobre o desenvolvimento de projetos e outras atividades no âmbito educacional, bem como, informações adquiridas através de relatos da professora regente de sala.

Vale ressaltar a utilização da observação participante por consentir contato direto com os sujeitos participantes da pesquisa e assim conhecer as práticas e estratégias propostas pela professora regente de sala de aula, no que tange ao trabalho da leitura e escrita junto às crianças, bem como, apreciação do desenvolvimento cognitivo dos alunos no decorrer das atividades, utilizando anotações de campo e recursos audiovisuais.

Por fim, destaca-se que o presente texto está dividido em três capítulos: o primeiro capítulo se trata dos primórdios da minha trajetória escolar até o ingresso no Ensino Superior; o segundo capítulo se compete em relatos sobre o lócus de atuação (a escola), sobre a professora regente de sala de aula, sobre as demandas administrativas do espaço formal de ensino, consiste em experiências exitosas vividas no âmbito educacional como, desafios e estratégias pedagógicas no contexto da escola de atuação, descrição do ensino da matemática, para conceber compreensão dos alunos no que tange aos enunciados de problemas matemáticos, contos e recontos de histórias e o trabalho com o gênero textual lenda.

Já para o terceiro capítulo será abordado acerca de atividades realizadas durante período de estágio de Docência I como, contribuições interacionistas no projeto “Planto Rosas Colhendo Paz” desenvolvido em parceria entre a escola e os familiares dos alunos e descrições sobre práticas criativas pedagógicas no trabalho docente. Por último as conclusões com enfoque a relevância da relação entre os saberes acadêmicos com aqueles que são trabalhados no ambiente escolar.

1. VIVÊNCIAS DE UMA ALUNA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E BÁSICA: DO PRIMÁRIO (ANOS INICIAIS) AO ENSINO MÉDIO

Neste momento, relatarei sobre a minha trajetória escolar, desde a educação infantil até o ensino médio, a fim de explicitar a importância de um processo de escolarização favorável à aprendizagem do aluno. Ainda discorrerei sobre o quanto foi relevante para a minha formação educacional, a postura de alguns professores desse período, principalmente aqueles que contribuíram para o meu desenvolvimento cognitivo. Com intuito de preservar a identidade de pessoas que fizeram parte desta trajetória, usarei nomes fictícios, exceto o nome de minha mãe, Dona Maria Telina.

Desse modo, com o intuito de me apresentar, é relevante ponderar que nasci na cidade de Belém do Pará, porém, ainda na puerícia, mudei-me para a cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, onde iniciei minha formação educacional na Escola de 1º Grau Matias Beck, ingressando no Jardim de Infância e continuei até a 6ª série (1º grau). Posteriormente, concluí a 7ª e 8ª séries (1º grau) no ano de 1983, no Colégio Estadual Estudante João Nogueira Jucá.

Minha residência se localizava no bairro do Mucuripe, na Rua do Trilho, próximo à praia de Iracema, conhecida como “a virgem dos lábios de mel”, onde passei minha saudosa infância. Recordo-me que aos cinco anos de idade recebi aulas na residência de uma professora particular que residia próximo de minha casa, mas eu participava das aulas somente para brincar, logo fui minimamente alfabetizada.

Com aproximadamente seis anos de idade, no ano de 1974, fui matriculada efetivamente na escola Matias Beck, onde comecei a cursar o Jardim de Infância, período de muitas brincadeiras, pinturas e rabiscos em papel. Minha mãe, Dona Maria Telina, contou-me que eu “chorava bastante”, que eu “queria mesmo era ficar na barra de sua saia”, ou seja, no seio do calor materno. Porém, de acordo com Maysaa Reda e Nájela Ujiie (2009, p. 10083), o período de início na educação infantil é caracterizado como um processo de independência e adaptação ao ambiente escolar.

No ano seguinte, em 1975, aos sete anos de idade, cursei a 1ª série (1º grau – antigo primário), e de acordo com minha mãe naquele ano letivo, as atividades em sala de aula eram bem simples: brincadeiras, cobrir algumas letras, decorar o “bê-á-bá” e utilizava-se a cartilha de ABC. Em termos de aprendizagem, assimilei pouco, pois ao seguir para a 2ª série, ainda não dominava a leitura e a escrita.

É importante frisar que as imagens nos livros chamavam-me atenção, apenas pela estética, ou seja, formas e cores. A professora desse período ditava as palavras e pedia para que todos lessem. Eu, no entanto, apenas folheava as páginas do livro, admirando as figuras contidas no mesmo.

A professora questionava a minha atitude, por meio de uma maneira autoritária e rígida, deixando-me envergonhada e com medo. Então, recusava-me ir para a escola e chorava constantemente. Logo, minha mãe sabiamente resolveu dirigir-se até a secretaria da escola e comunicar os acontecimentos. Após uma reunião, veio à resolução: eu voltaria a cursar a 1ª série.

Após este regresso, no ano 1976, houve uma professora que aceitou o desafio de me alfabetizar. Lembro-me o quanto esta era paciente, dedicada e não media esforços para ensinar com diversas estratégias pedagógicas. A professora Marlene sempre levava jornais impressos para serem usados em sala de aula, com intuito de promover a leitura e a escrita, bem como nos proporcionar a vivenciar e reconhecer a função que estas desempenham na sociedade (SOUZA; CASTILHO, 2016).

Além disso, participávamos de encenações teatrais, cantávamos e no mês de junho, dançávamos na quadrilha da escola. A professora alfabetizadora utilizou destes recursos e me auxiliou consideravelmente no conhecimento das letras e dos livros. Os resultados foram alcançados no final do ano letivo, quando fui aprovada e nesse período dominava a leitura de textos dos jornais. Mediante isso, mamãe ficou orgulhosa e a professora Marlene se sentiu realizada.

No ano seguinte, em 1977, já cursando a 2ª série, aconteceu algo que surpreendeu minha nova professora. Era semana do dia dos pais e esta sugeriu uma atividade: que nós fizéssemos uma redação sobre o tema “Dia dos Pais”. Não recordo exatamente o que escrevi, porém, soube que a minha redação ganhou destaque na sala da diretora da escola. A Professora, a diretora e a secretária da escola ficaram surpresas com a produção textual expressiva, tendo como autora uma aluna que no ano anterior apresentava problemas de alfabetização e aprendizado.

Após tantos desafios para ser alfabetizada, concluí a 3ª e a 4ª série e finalmente fui aprovada para a 5ª série do ensino fundamental, no ano de 1980. Foi difícil acostumar-me com a nova dinâmica de sala de aula. Nesse novo contexto, cada hora aula tinha um determinado professor, disciplinas com grande quantidade de assuntos, assim apresentei dificuldade de ensino-aprendizagem nas aulas de matemática. Este período de transição dos

anos iniciais para os anos finais do ensino fundamental do 1º grau pode-se em muitos casos provocar expectativa e apreensão aos alunos.

No ano de 1984 retornei para Belém, aonde estudei no Instituto de Educação Estadual do Pará (IEEP), onde me formei em magistério no ano de 1986. Naquela época era menina-mulher e nosso senhor Deus me incumbiu de gerar e dar vida a um sorridente menino, que hoje tem 32 anos. Assim, meu objetivo de cursar uma universidade e me tornar professora foi adiado.

Na condição de mãe solteira, naquele momento, eu precisei trabalhar. O tempo passou, meu filho cresceu e, então, pensei: agora está na hora de voltar a sonhar (estudar). Contudo, minha caminhada rumo à docência teve que esperar, pois, outra vida gerava-se em meu ventre. Após nove meses, Deus trouxe para mim, uma menina toda fofinha, de olhos vibrantes e choro estridente, assim precisei adiar meus planos.

Em 2010 voltei ao ambiente formal de ensino, para cursar novamente a etapa conclusiva da Educação Básica, o ensino médio (antigo Segundo Grau), na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Palmira Gabriel, pois acreditava que o regresso a esta etapa da minha escolarização contribuiria com minhas expectativas de lembrar assuntos escolares já esquecidos e possibilitar aprendizagem de novos conhecimentos. Desta forma, em 2013 fui aprovada através do Programa de Ingresso Seriado (PRISE) da Universidade Estadual do Pará (UEPA), no curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, porém por motivos pessoais, ainda no 1º semestre, tranquei a matrícula. Contudo, no ano de 2014, participei da prova de seleção do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e assim em janeiro de 2015, fui surpreendida com a aprovação em Licenciatura Integrada pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

No ano de 2015, em razão da greve dos técnicos administrativos e professores, cursei apenas o 1º semestre. Em 2016, no início do 2º semestre, tranquei a matrícula no presente curso e em outubro do mesmo ano voltei ao Instituto de Educação em Ciência Matemática e Científica (IEMCI) para efetivamente retornar ao 2º semestre.

Então, as vivências durante a minha formação escolar foram imprescindíveis para a escolha pela docência, aprendendo e ensinando em um processo contínuo em busca da construção de uma identidade profissional para uma educação igualitária, diversificada e que proporcione novas perspectivas.

1.1. Primeiras Experiências de Aprendizagem em Matemática, Língua Portuguesa e Ciências

Durante a 5ª série (ginásio), a minha professora de matemática faltava bastante às aulas e às vezes percebia que seu hálito tinha cheiro de bebida alcoólica. Em um determinado dia, a professora de matemática trouxe o seu filho, recém-formado em matemática para ministrar aula, pois ela estava alcoolizada. Neste dia, aproveitei para sanar algumas dúvidas que pairavam em alguns conceitos matemáticos, pois em aula com a docente em questão, quando surgia alguma inquietação quanto ao assunto ministrado, esta me respondia com frases desconectadas e vazias.

Em uma hora aula, o filho da professora de matemática além de iluminar meu raciocínio matemático, também me instigou conhecer e dedicar pela disciplina. Fiquei tão encantada que após sua visita, na escola, descobri o endereço da família e convidei um grupo de colegas de sala de aula a passar uma tarde estudando matemática, em companhia do rapaz. Depois disso, consegui contornar o medo e as incertezas, pois fiquei mais autoconfiante em estudar matemática e outras áreas do conhecimento.

Ainda estudando na escola Matias Beck conheci uma pessoa especial, ela era minha professora de Língua Portuguesa. Esta apresentava uma presença marcante, seus traços eram finos e delicados e ao adentrar na sala de aula sempre estava bem arrumada e cheirosa. Sua maneira formal de se expressar provocou em mim imensa admiração.

Nossos estudos nas aulas de língua portuguesa foram pautados, predominantemente, no ensino da gramática normativa, com foco na morfologia, na sintaxe, no léxico e na semântica, as formas de análise dos elementos que constituem o estudo de língua portuguesa. Concordando com Antunes (2014), quando este discorre sobre pesquisas que constata o estudo da gramática intensificado e por si só, ser descontextualizado dos usos reais da atividade verbal em situações de interação. Contudo, no decorrer das aulas de língua portuguesa apreendi regras gramaticais, desenvolvi habilidades de escrita, leitura e também me debrucei pelo estudo da linguística.

O conhecimento adquirido por meio do estudo gramatical foi e é essencial para minha formação enquanto graduanda e também contribuiu significativamente no acompanhamento escolar, ou seja, nas aulas particulares, um trabalho que desempenhei com alunos da 1ª e 2ª etapa do Ensino Fundamental, por cerca de 30 anos e que me serviu de motivação a buscar formação docente. De certo que reconheço a necessidade do ensino de língua portuguesa

numa perspectiva contextualizada, que vá além do ensino aprendizagem da gramática normativa, e capaz de relacionar os aspectos teóricos ao contexto social do aluno.

Trabalhando como professora de acompanhamento escolar, entre pesquisas científicas e múltiplas atividades de ciências concebidas em comunhão com meus alunos, percebi o prazer de ser oficialmente apresentada ao ensino de ciências numa abordagem investigativa. Também vivenciamos algumas experiências como ensaio de um vulcão em lavas, representação em protótipos de células eucariontes e procariontes, protótipo de um aparelho respiratório, maquete sobre ecossistema terrestre e aquático, entre outras. Eram atividades investigativas, colaborativas e baseadas no aprender fazendo.

Desta forma, reaprendi a gostar de ciências, pois nos anos de estudo do 1º grau (equivalente ao atual fundamental I e II), exercido em duas escolas na cidade de Fortaleza, não tive êxito no aprendizado de ciências, porque as aulas eram expositivas, tendo o professor e o livro didático como fontes de informações. Quanto às atividades, estas eram pautadas em questionários de até 50 perguntas, que seriam memorizadas para realização das atividades avaliativas. De acordo com Ausubel (2002) a aprendizagem memorística é mecânica e será esquecida após o fato da avaliação, ou seja, não é assimilada, não é significativa.

No ensino médio realizado de 2010 a 2012, morando na cidade de Belém e estudando na Escola de Ensino Estadual Fundamental e Médio Professora Palmira Gabriel (E.E.E.F.M), fato explicitado anteriormente, fui aluna de um professor de biologia que acreditava em meu potencial e assim provocava inúmeros desafios na área das ciências e me instigava a pesquisar, elucidar questionamentos, desenvolver projetos, enfrentar os medos e aprender a utilizar as novas tecnologias de informação.

O Professor Nelson realizava aulas diferenciadas, pois fosse antes ou depois de ministrar o assunto de biologia levava todos nós, seus alunos, para o laboratório de ciências, aonde realizávamos diversas experiências científicas, através da manipulação de materiais como Béquer, destilador de água, pipetas, lupas, provetas, frasco de Erlenmeyer, microscópio óptico entre outros objetos laboratoriais. E também fazíamos aulas em espaços não formais para colhermos dados para nossas pesquisas. Na teoria da aprendizagem significativa estes elementos pedagógicos e estratégias utilizadas pelo professor e o modo como os utilizava pode-se chamá-los de organizadores prévios. Para Ausubel (2002, p. 40) “um organizador prévio é um recurso pedagógico que ajuda a implementar estes princípios diminuindo a distância entre o que o estudante já sabe e o que necessita saber para que aprenda novo material de uma maneira ativa e eficaz” (tradução minha).

Em meio a tantas vivências, o interesse se despertava e o desejo de conviver intensamente com o ensino da educação em ciências, matemática e linguagens se ampliava. Por isso, escolhi o curso de Licenciatura Integrada, pois ele abarca todas estas áreas de afinidade e desta forma me realiza plenamente enquanto licencianda e futura professora dos anos iniciais.

Sendo a escola um lugar de permanente processo de aprendizagem, suas práticas educativas necessitam ser pensadas em prol de fomentar as habilidades dos alunos. Para Freire e Shor (1986), quando o aluno não é estimulado a pesquisar, a buscar respostas às suas inquietações ou recebe informações desconectadas do seu cotidiano e/ou para simples memorização, então não acontece uma aprendizagem motivadora, por parte da escola.

Todas estas experiências vividas no âmbito escolar estudantil proporcionaram-me uma agregação de conhecimentos adquiridos ao longo dos anos, que provocou mudanças em comportamentos e conceitos estabelecidos desde o início de minha alfabetização. Nesse processo de desconstrução e de construção de saberes, em especial sobre a prática pedagógica, venho desenvolvendo conhecimentos básicos para superar o ensino reprodutivo e instrucionista, e desta forma atribuir novo sentido à aprendizagem dos alunos.

2. ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA EDUCACIONAL: REALIDADE DE UMA DISCENTE DE LICENCIATURA INTEGRADA

Diante do exercício das práticas educacionais, presencia-se o encontro entre duas realidades de saberes: os saberes teóricos angariados no decorrer da formação acadêmica, a partir de autores e de literaturas vistas dentro do espaço acadêmico; e os saberes práticos, os quais se iniciam no âmbito científico a partir das disciplinas pedagógicas e se consolidam com a atuação em sala de aula, com o estágio supervisionado (atuação/observação). De acordo com Guedes (2009), em relação ao período de estágio:

“O estágio deve ser compreendido enquanto espaço que oportunize a efetivação do conhecimento e dos saberes necessários à prática docente. É um lugar de produção do conhecimento. Por isso, é uma prática que precisa ser intencional e fundamentada [...] desta forma é possível realizar a articulação teoria e prática” (GUEDES, 2009, p. 9422).

Na perspectiva da formação de professores, é necessário um suporte fundamental voltado para a capacitação do licenciando para enfrentar os desafios no contexto escolar, com intuito de preparar para adentrar nas realidades cotidianas, ou seja, reconhecer o contexto no qual está inserido, interagir com a diversidade, trabalhar em conjunto, participar das dinâmicas envolvendo o corpo educacional, estabelecerem estratégias pedagógicas, entre outros. Para Silva (2003), algumas considerações sobre o professor são importantes:

O professor que tem um trabalho intelectual, pensa sobre as ciências, sobre os instrumentos de ensino, sobre os recursos didáticos, elabora seu material e sabe selecionar o material já existente. Tem consciência do projeto educacional no qual está inserido e participa de sua elaboração. Formar esse professor poderá garantir o direito da criança ao saber que a escola deve socializar, no sentido da emancipação humana [...] (SILVA, 2003, p. 16).

No entanto, também se acredita que a profissionalização docente ocorre num processo contínuo, porém flexível, onde o professor exerce um papel importante na construção de sua identidade, pois ao reelaborar e ressituar continuamente seus saberes constituem aprendizagem, que dialogada com a prática o ajudará a entender a incompletude da formação inicial.

2.1. Considerações sobre a escola de atuação

A escola é um espaço de fundamental importância no processo de construção educacional e social, pois é nesse ambiente que se configura saberes científicos para a formação moral, ética, e intelectual do educando, isto é, além de conhecimentos sistematizados, a escola tem papel de formar cidadãos críticos, autônomos e participativos social e politicamente na vida em sociedade.

Nesse sentido, apresento as principais informações sobre o espaço de educação no qual desenvolvi algumas atividades, no ano de 2016, referentes ao estudo do tema “Prática Antecipada à docência em Espaços Formais de Ensino de Ciências, Matemática e Linguagens”, pertencente ao Eixo Temático VI, ministrado pela Professora Doutora Fátima Vilhena. Esta Escola Estadual de Ensino Fundamental será denominada como Escola de Atuação, sendo situada no Bairro do Guamá, na cidade de Belém, na Rua Augusto Corrêa 876, entre Barão de Igarapé Miri e Três de Outubro. Pondera-se também que fui lotada em uma turma do 4º ano do ensino fundamental I, a qual estava sob a regência de uma professora com formação em Pedagogia e Letras – Língua Espanhola (denominada de Professora Mara).

Esta Instituição de Ensino foi fundada no dia 05 de junho de 1967, a qual era mantida pela associação das antigas alunas do colégio Gentil Bittencourt, conveniada com a Secretaria de Educação (SEDUC). Atualmente, a presente instituição de ensino funciona no período diurno e trabalha com alunos do ensino fundamental I, sendo que a sua organização escolar é feita por ciclos.

Em relação ao intervalo/recreio, a duração é de 15 minutos e tanto no turno da manhã como no da tarde, ele ocorre em dois momentos para que os alunos menores não sofram determinadas agressões, por parte dos maiores. Essa foi a estratégia encontrada pela direção da escola, para diminuir alguns problemas recorrentes como agressões físicas, que costumam ocorrer durante esse intervalo. Quando ocorre algum problema (acidente ou enfermidade), quem presta os primeiros socorros são a Coordenadora e/ou a Vice-diretora e em seguida os responsáveis são comunicados.

Os alunos que recebem atendimento especializado (deficiência intelectual, autismo, baixa visão, Surdos, entre outros) participam das aulas com os outros alunos do turno regular, contudo eles têm a opção de comparecerem à escola no contra turno, que consiste na segunda matrícula. Também há a alternativa de em algum momento, no decorrer da aula, direcionar estes alunos à sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), onde serão atendidos por dois professores especializados.

Este serviço de Educação Especial é instituído pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/96, desenvolvido para a rede regular de ensino, ocupa-se em organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade, que complemente a formação do aluno, voltada para a diversidade, considerando suas necessidades específicas e capacitando-o a ter independência na escola e fora dela.

Em um conselho de classe, feito bimestralmente, os professores se reúnem para discutirem sobre a assiduidade, disciplina e avanços cognitivos dos alunos. A partir disso, fazem-se um relatório entregue ao final de cada semestre. Em sala de aula são desenvolvidas atividades de coordenação motora fina, lateralidade, leitura e escrita, raciocínio lógico matemático, que junto com um simulado realizado a cada dois bimestres vão gerar um conceito, o qual servirá para ser avaliado o nível de desenvolvimento de cada turma ao final do período. Tais dados são apresentados e discutidos nos momentos de Conselho de Classe.

Já para os professores regentes de classe os simulados colaborarão para a efetivação dos relatórios em questão, visto que como não se utiliza mais o Boletim Escolar com conceitos numéricos, ele agregará todas as informações, relevantes acerca do desenvolvimento cognitivo, motor e social do educando de acordo com as perspectivas traçadas para as atividades realizadas.

Sabe-se que prova não avalia, não mede conhecimento e nem a capacidade, mas ainda é necessário recorrer a este mecanismo, visto que esta é aplicada como ferramenta de averiguação do desenvolvimento cognitivo e também para observação da capacidade que o discente tem de resolver problemas do cotidiano. Sendo assim, de acordo com o MEC (2013), “a avaliação é um procedimento necessário para definir prioridades e garantir a qualidade do ensino nos âmbitos educacionais”.

Quanto à qualificação profissional do professor, a escola de atuação compreende ser um requisito fundamental para a consecução da aprendizagem pelo aluno. Desta feita o corpo docente da referida escola é motivado e direcionado a participar de congressos, palestras e oficinas, numa constante tarefa de formação continuada.

2.2. A professora regente dos anos iniciais: desafios e perspectivas

Durante atividades realizadas em sala de aula com a Professora Mara, presenciei inúmeras vivências que contribuíram na construção da minha identidade profissional e práticas docentes. Através da didática da Professora em questão, adquiri saberes que permitiram o contato com a práxis de sala de aula que me auxiliou no desenvolvimento de

habilidades, de competências e de conhecimentos teóricos adquiridos no percurso de minha graduação.

A Professora Mara ministra as aulas na escola de atuação, atuando com crianças do 1º ao 5º ano, com a faixa etária entre 06 e 14 anos. A educadora exerce suas funções em período diurno (matutino e vespertino), com carga horária de duzentas horas semanais. Vale ressaltar que essa trabalha com crianças de personalidades distintas, que apresentam déficit de aprendizagem e problemas de comportamento, assim como também há crianças com necessidades especiais. Logo, há dificuldades para a professora acompanhar todos seus alunos no processo de ensino-aprendizagem e realizar ações que permitam uma aprendizagem mais significativa diante de vários entraves sociais na atualidade.

Partindo desses fatos, destaca-se que a Professora Mara é formada em Licenciatura em Letras – Língua Espanhola, no ano de 2005 a 2008 e, recentemente, concluiu o curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR, no ano de 2012 a 2015. Pondera-se que ela apresenta quarenta anos de docência e trabalha há quinze anos na referida escola. Quando a interoguei sobre como aconteceu seu início na docência, ela respondeu:

“Eu estudava magistério quando fiz meu primeiro estágio, na Fundação do Bem Estar Social do Pará (FBESP), um órgão estadual que utilizava espaços comunitários e dançantes para durante a semana servirem de espaço escolar, agregando crianças na faixa etária de 04 a 06 anos, e assim foi obtendo experiência para trabalhar em algumas escolas (Espaço de Criação, Castelinho do Saber, Casa do Pinóquio e outras) e desta forma adquiri prática e consolidei meu desejo de ser professora” (Profª MARA, 2016).

A professora revelou que trabalhava na instituição citada acima, no horário de 08 horas às 11 horas e 30 minutos, no turno da manhã, além de afirmar que o espaço era pequeno e não tinha recursos pedagógicos para efetivar suas aulas. Portanto ela mesma confeccionava os materiais. Ela também cita que no início não havia funcionários para a limpeza e para a cozinha. Logo, a Professora Mara e outras estagiárias foram responsáveis pela limpeza e pela merenda escolar. Após um determinado período, foram agregando pessoas da comunidade para colaborarem nestas atividades, mas geralmente a limpeza para o primeiro dia de aula, depois o final de semana eram conduzidas pelas professoras e estagiárias.

Após algum tempo a Professora conseguiu uma vaga em uma escola privada e quando terminou o “Segundo Grau”, fez o concurso da SEDUC, sendo aprovada no ano de 1988, mas apenas no ano de 1991 iniciou a carreira profissional nessa secretaria, sendo lotada na Estadual José Veríssimo, ainda trabalhando na Escola privada.

Após ter sua segunda filha continuou trabalhando nos dois setores. Ao engravidar pela terceira vez perdeu sua carga horária na Escola José Veríssimo e saiu do setor privado. Neste momento começou a trabalhar em uma ONG, na qual funcionava uma creche (MOPROM) no bairro do Guamá que era assistida por vários órgãos e para a qual a SEDUC disponibilizava professores.

Nesse período iniciou o curso de Pedagogia na cidade de Castanhal no Estado do Pará, pela Universidade Vale do Acaraú (UVA), no ano de 2001, mas não conseguiu concluí-la. No ano de 2005 por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) foi contemplada com uma bolsa integral do PROUNI (Programa Universidade para Todos) e ingressou no Curso de Letras – Língua Espanhola pela Instituição ESMAC (Escola Superior Madre Celeste), realizando o referido curso no período noturno, concluindo-o em 2008.

Concomitante à graduação em Letras iniciou o curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Metodologia do Ensino de Espanhol, concluindo-o no ano de 2009. Contudo, as novas exigências por parte do governo Federal em relação ao exercício da docência no fundamental menor exigiam que o professor que estivesse atuando do 1º ao 5º ano fosse graduado em Pedagogia.

Assim realizou a graduação por meio do Programa de Formação de Professores (PARFOR) PARFOR no ano de 2012, polo Belém/UFPA, concluindo-o em 2015. A referida professora falou que no decorrer de sua formação na academia notou que a prática não estava distante da teoria e que no exercício de sua função como professora:

“Não abraça totalmente o novo e nem descarta o velho”, ou seja, às novas metodologias estão dentro das atividades realizadas em de sala de aula, mas as práticas do ensino tradicional não podem estar totalmente descartadas, pois eles ainda são necessários para que se obtenha um maior desenvolvimento e mais interesse por parte do alunado, visto que atualmente há discentes que precisam de uma intervenção mais efetiva, quanto a aquisição da aprendizagem” (Profª MARA, 2016).

No decorrer da minha convivência com a Professora Mara, percebi o quanto é árdua a jornada de um professor/mediador nos anos iniciais. Alguns professores trabalham nos três turnos, locomovem-se em transporte coletivo ou a pé e outros, no exercício da docência, adquirem doenças tais como, gastrite, Síndrome do Esforço Repetitivo (LER), problemas psicológicos, vocais e visuais e, ainda assim conseguem ser apaixonados pela licenciatura. Paulo Freire e Ira Shor (1986, p. 10) corroboram afirmando que “A maior parte dos que trabalham em salas de aula sabe que a docência exige muito de nós. Os professores enfrentam aulas demais, alunos demais, e controle administrativo demais”.

Acredito que apesar de tantos desafios, grande parte dos professores dos anos iniciais mostra grande interesse pela profissão, buscam a cada dia melhorar seu desempenho pedagógico e demonstram satisfação em garantir a aprendizagem dos seus alunos. Esses são alguns dos grandes elementos motivadores do compromisso e da dedicação dos profissionais da Área da Educação. Então, complementando este raciocínio com o pensamento de Gadotti (2003, p.49) que: “Só aprendemos quando colocamos emoção no que aprendemos, por isso é necessário ensinar com alegria”.

2.3. Experiências exitosas na formação docente

Neste tópico discorrerei sobre algumas experiências vivenciadas na Escola de Atuação (nome fictício). Nele me reportarei procurando mostrar a relevância destas vivências à minha formação inicial docente. Como já explicitado anteriormente, no ano de 2016, fui lotada na turma do 4º ano do ensino fundamental I, a qual tinha como responsável a Professora Mara como regente de sala de aula. Esta no decorrer desse período me proporcionou junto aos seus alunos momentos de imensuráveis aprendizados. Tive oportunidade de observar sua prática docente e identificar nela os estudos teóricos apreendidos por mim dentro da academia

Ao adentrar na sala de aula, a Professora Mara me recebeu calorosamente e seus alunos me receberam cantando o trecho de uma música: “boa tarde seja bem-vinda, Jesus te ama”. Naquele momento fiquei encantada com aquelas crianças e também com a professora.

Neste dia, a professora fazia uma revisão de Língua Portuguesa. Para tanto, usou a lousa para escrever um texto (Como Dormem Os Animais) e depois uma atividade objetiva, que estava composta por interpretação textual e algumas questões sobre substantivo, pronome, tipos de texto, divisão silábica, tonicidade e linguagem formal e informal.

Foi determinado um tempo para que os alunos resolvessem as questões e em seguida a professora iniciou a correção da tarefa sem apresentar as respostas, apenas os instigando a pensar quais as possíveis soluções. A motivação à investigação, sob a orientação da Professora Mara levou os alunos a refletir sobre suas respostas, alguns foram até a lousa apontar os resultados encontrados e até os mais tímidos fizeram suas considerações. Acredito que desta maneira ela conseguiu observar os pontos onde os alunos ainda precisavam avançar e onde havia conseguido alcançar os objetivos traçados, assim como no trabalhado anterior.

Terminada esta primeira tarefa foi realizada revisão de ciências sobre os animais vertebrados (mamíferos, répteis, anfíbios, peixes e aves). A atividade de ciências objetivou

fazer com que os alunos encontrassem no caça-palavras, nomes de animais, classificando-os de acordo com os grupos a qual pertencem.

Na intenção de ajudá-los, utilizei algumas mímicas como enrolar o corpo para representar a uma cobra, encolher os ombros para que identificassem uma tartaruga, dar pulinhos, coaxar imitando o sapo, entre outros. Com meu jeito extrovertido consegui alguns risos, mas também interação por parte dos alunos e logo depois a professora corrigiu a atividade, novamente com a colaboração das crianças.

Percebi que neste 4º ano do ensino fundamental I estavam matriculados alunos com dificuldades em habilidades básicas de leitura, compreensão e produção de textos, pois isto quer dizer que estes alunos foram promovidos, sem demonstrar as habilidades e as competências necessárias de acordo o ano em questão. Nesse caso, notei que com esta política de não retenção, pode ocorrer um significativo número de crianças promovidas com déficit de aprendizagem.

Essa situação foi sutilmente comentada pela Professora quando me falou de sua preocupação em não poder reter estes alunos com déficit de aprendizado, e saber que os mesmos não se encontravam preparados para cursar o 5º ano, pois apesar de vários esforços ainda havia alunos que não estavam correspondendo aos objetivos traçados, o que ainda a angustiava, visto que entendia que a aprendizagem deve ocorrer de forma significativa para que os mesmos sintam-se dispostos a avançar em seus conhecimentos. Desta forma, a professor encontrou um jeito de diminuir algumas falhas na alfabetização e letramento dos alunos. Ela criou um diário de classe, onde todos os dias letivos uma criança era sorteada para fazer o relatório dos fatos ocorridos durante o horário de aula.

Este relatório feito diariamente propiciou melhor desempenho cognitivo, quebrou a timidez e os alunos avançaram na escrita e na leitura. Investiguei o caderno das crianças e encontrei relatos incríveis, embora pequenos, com letra “bastão” e por vezes frases com palavras emendadas, mas estava lá a comprovação de que não se pode excluir um aluno de uma atividade, por supor que o mesmo não tem capacidade para fazê-la. Segundo as considerações de Zabalza (2004), o diário é uma espécie de “oásis reflexivo”, pois ajuda a pensar, permite um diálogo interpessoal e facilita compartilhar experiências. Assim:

A redação dos diários leva consigo todo um conjunto de fases sucessivas que facilitam o estabelecimento de um processo de aprendizagem baseado em uma dupla categoria de fenômenos: a) o processo de se tornar consciente da própria atuação ao ter de identificar seus componentes para narrá-los e (b) o processo de recodificar essa atuação (transformar a ação em texto), o possibilita a racionalização das práticas e sua transformação em fenômenos modificáveis (e, portanto, possíveis de melhorar). (ZABALZA, 2004, p.27).

Diante da informação do autor e da postura da professora em questão, pode-se suscitar que esta tem demonstrado preocupação com a escrita de seus alunos. Pois em relação à escrita, diante as várias dificuldades dos alunos dentre elas; escrever com letra cursiva, compreender a função de segmentação dos espaços em branco e da pontuação do final de frase, a Professora Mara levava para sala de aula textos como “Bruna e a Galinha D’angola”, “O Macaco e o Peixe”, “Menina Bonita do Laço de Fita”, entre outros. Além de leitura e compreensão textual, objetivava oferecer atividade de reescrita dos textos.

Estas estratégias de ensino adotadas pela Professora deixavam os alunos motivados a construir as atividades propostas, pois era perceptível o entusiasmo da garotada. Certa vez, ao adentrar a sala de aula, avistei vários papéis colados na parede e ao me aproximar verifiquei que se tratava da reescrita da fábula “Bruna e a Galinha D’angola”. As crianças confeccionaram livretos contendo linguagem verbal e não verbal, pois além da escrita havia desenhos. A seguir, representa-se a situação vivida em sala de aula:

Figura 1 - Cadernos com a Produção Textual dos Alunos sobre a Fábula “Bruna e a Galinha D’angola”



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2016)

Posto isso, reconhece-se a importância do agrupamento de estratégias de ensino descritas por Bzuneck *apud* Kruschewsky (2016, p. 24) que podem contribuir com as necessidades do professor em despertar o interesse do seu aluno a aprender. Estas estratégias estão agrupadas em quatro categorias: 1) O significado e relevância das tarefas; 2) Características motivadoras inerentes a essas tarefas; 3) O complemento, com o uso de embelezamentos e 4) Reações dos professores as tarefas cumpridas e avaliadas. Diante disso ele ressalta que “para promover a motivação dos alunos às próprias atividades devem ser instigantes, encorajadoras, com características de desafio [...]”.

A atividade proposta pela Professora Mara de recontar através da escrita, os gêneros textuais trabalhados em sala de aula promoveu relação de significado ao ensino aprendizagem de seus alunos, uma vez que naquele momento específico a escola vinha desenvolvendo várias dinâmicas relacionadas ao Dia da Consciência Negra, sendo esta tarefa cumprida de forma motivadora pelos discentes, a partir da narração de histórias fictícias, mas que retratam fatos verídicos pertencentes à construção da história sociocultural do Brasil.

2.4. Religiosidade x Educação Escolar

Em inúmeros momentos em sala de aula, a Professora Mara também se preocupava com atitudes de cidadania como o respeito, a solidariedade, a compaixão e, principalmente, o amor ao próximo. Neste sentido, a cada início de aula os alunos eram convidados para as práticas de oração pedindo e agradecendo a Deus (divindade suprema da vertente religiosa do catolicismo) por mais um amanhecer, pela vida de todos os presentes e de seus familiares. As orações do “Amanhecer” e do “Pai Nosso” faziam parte deste rito diário de segunda a sexta-feira.

Ressalto que considero, como futura professora, ser importante a ação de orar antes do início da aula, agradecendo a Deus por nossa existência e permanência nesse plano terreno, além de que a oração traz em si palavras reflexivas e de entendimento sobre o fenômeno religioso. Mendonça (2014, p.148) assevera que a presença religiosa no espaço escolar se deve por esta ter um grande grau de importância no processo de socialização do sujeito aprendiz, pois o período ao longo de sua escolarização também é o momento em que se formam suas estruturas mentais básicas.

Porém ao consultar a Constituição Brasileira de 1988 descobri que o estado brasileiro por ser laico, ou seja, não possui uma religião oficial, juridicamente a escola pública não pode assumir uma postura proselitista, a não ser que a instituição de ensino pertença a um contexto religioso. O Brasil é um país muito diversificado culturalmente, por isso a educação ministrada pelas escolas públicas deve ser não confessional, que respeite a diversidade cultural. Sobre este aspecto jurídico Vecchiatti discorre que:

Estado Laico é aquele que não se confunde com determinada religião, não adota uma religião oficial, permite a mais ampla liberdade de crença, descrença e religião, com igualdade de direitos entre as diversas crenças e descrenças e, no qual fundametações religiosas não podem influir nos rumos políticos e jurídicos da nação (VECCIATTI, 2008, p. 2).

Desta forma é interessante que o professor tenha conhecimento sobre os aspectos legais do princípio da laicidade e compreenda que a orientação religiosa precisa ser neutra em suas práticas em sala de aula, embora saibamos que, por vezes, os princípios religiosos do corpo docente nas práticas pedagógicas da escola, devem ser norteados pelo que a escola prevê no seu projeto pedagógico.

2.5. Formação cidadã com diferentes atividades: pesquisa, brincadeiras e encenações

No período de 18 de Novembro a 16 de Dezembro de 2016, foi desenvolvido na escola o Projeto Rosa de Afro (Rosa para homenagear a escola e Afro para representar os afrodescendentes), com tema “A Consciência Negra”. O corpo docente, discentes e os funcionários da escola estavam todos trabalhando em prol da valorização da miscigenação brasileira.

A abertura do projeto “Rosa de Afro” se deu na quadra de esportes da escola. O professor de Artes, idealizador do projeto, deu início ao evento falando da miscigenação brasileira. Em alguns momentos do discurso, ele enfatizou sobre o povo paraense ao descrever traços de nossas semelhanças com os negros, os índios e os europeus. Em sua fala explicitou para as crianças, de forma visível e inteligível, o que é miscigenação. Algo que está ao alcance dos alunos “o reflexo no espelho” e seus próprios “colegas”.

Dentre as atividades contidas na programação do evento estavam presentes, brincadeiras que os escravos negros costumavam fazer com os filhos das sinhás (pula corda, pula elástico, perna de pau e amarelinha), encenações feitas pelos alunos (a fábula da menina bonita do laço de fita e como surgiu o tambor), uma peça teatral do sítio do pica pau amarelo, representada por um grupo de atores, contação e recontação de histórias.

Alguns alunos, sustentando cartazes, proferiram alguns dados sobre a biografia de Edson Arantes Nascimento, ex-futebolista brasileiro mais conhecido como Pelé e sobre a funkeira Ludmila Oliveira da Silva. Outros fizeram a interpretação de uma das músicas do cantor e compositor Gilberto Gil e logo em seguida os alunos foram convidados para dançar ao som da música Emília (a boneca gente), fui junto com eles, pois a dança eleva meu espírito.

A recontação da história “Bruna e a Galinha D’angola” teve um representante da sala de aula da professora R. M., um rapazinho bem perspicaz que se encheu de coragem, pegou o microfone, foi à frente do público e com fluidez recontou a história em sua própria autoria.

Na Culminância do Projeto aconteceram várias apresentações, dentre elas algumas que já tinham acontecido na abertura do Projeto Rosa de Afro, como a representação teatral da peça “Menina Bonita do Laço de Fita”, desta vez com uma nova roupagem e outras atrações como: roda de capoeira, vários tipos de danças africanas, hip hop, poema, dança de rua, carimbó, tocador de berimbau (seis anos) e outras danças coreografadas. O tocador de berimbau foi um convidado especial, que além de tocar seu instrumento, ainda dança capoeira. Sua apresentação foi excelente, e ele interagiu com os alunos da escola na roda de capoeira.

Durante a abertura e culminância do Projeto Rosa de Afro aconteceram as mais diversas apresentações artísticas e culturais, realizadas pelos alunos da escola em conjunto com seus professores e incentivadas pela direção da instituição escolar. A segurança, a dedicação e o comprometimento das crianças na encenação teatral me deixaram impressionada e emocionada. A quadra de esporte se transformou num palco iluminado, cheio de estrelas a brilhar (as crianças).

Acredito que os professores e a direção da escola podem provocar mais situações, que envolvam os alunos no universo das artes, pois de acordo com Contiero (2018, p. 12) “o princípio de formação para a cidadania presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)/Arte refere-se não apenas ao teatro, sabe-se, mas também às demais linguagens artísticas (dança, artes visuais e música)”. Desta forma é imperativo introduzir a arte às múltiplas linguagens do currículo escolar, objetivando atrelar o aspecto instrucional ao sociocultural.

A encenação teatral, apesar de ser um faz de conta, leva a criança a vivenciar fatos reais que permeiam sua vida dentro do meio que se encontra e a ajuda a refletir sobre vários aspectos sociais, culturais, políticos e até econômicos. Sendo assim é necessário que o professor estabeleça, em sua dinâmica teatral, objetivos sobre que conhecimento deseja passar para os alunos e também fazer com que esta experiência seja significativa e ao mesmo tempo prazerosa ao seu aprendizado.

Através do teatro o professor pode ensinar conteúdos de várias disciplinas, como: história, geografia, ciências, língua portuguesa etc. Desde que o assunto a ser explorado esteja vinculado ao ano/série que a criança se apresenta, que conste nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e que as atividades trabalhadas estejam adequadas ao processo cognitivo destes alunos.

2.6. Ensinando matemática - professora e estagiária

Entre os dias que estive em sala de aula com a professora Mara participei de uma aula de Matemática. Nesta atividade a Professora enfatizou o ensino de grandezas e medidas de capacidade (litro e mililitro). Primeiro usou o livro didático de Matemática, porém alguns alunos não estavam com o livro, dessa feita a professora usou leitura silenciosa compartilhada com quem tinha o livro. Após isso, iniciou-se a explicação do assunto, com o uso de materiais manipuláveis, como, embalagens vazias de alguns produtos.

As embalagens serviram para leitura dos rótulos e reflexão a respeito da quantidade de líquido expressa nos produtos, que nem sempre condiz com o conteúdo exato que deveria ter; o valor pago por esses produtos, a alusão aos preços dos produtos em oferta. Por exemplo, um produto que custa R\$ 9,97, quando na realidade pagamos R\$ 10,00, pois não existem mais moedas de um centavo. Alguns alunos se manifestaram sobre situações vividas por eles ou por familiares; a professora deu voz aos alunos e assim eles foram construindo suas ideias.

A professora seguia pelo livro a leitura dos enunciados das questões problemas, junto com os alunos e para instigá-los a encontrar a resposta, chamou alguns ao quadro para fazer as operações matemáticas envolvidas nas questões problemas, inclusive àqueles alunos que no início do ano letivo estavam com bastante dificuldade em ler, escrever e fazer cálculos. Contudo no final da aula, ainda restavam dúvidas quanto ao assunto.

Diante da situação, combinei com a professora para fazermos a continuação desta aula. Então, na aula seguinte, levei algumas embalagens vazias (recipientes de 2L, 1L, 500ML, 300ML, 250ML, 100ML) e uma problemoteca com várias fichas com problemas matemáticos, com o objetivo de colaborar com a aula da professora e assim ajudar na compreensão, a apreensão do conteúdo e com a interpretação dos alunos diante de situações do cotidiano envolvendo situações matemáticas.

A linguagem matemática por conter regras e símbolos, ser objetiva e abstrata pode provocar em alguns alunos grandes dificuldades em abstrair o comando contido no enunciado das questões e assim interferir na interpretação destes dados. Desta feita, Silveira (2013) pondera que é preciso usar estratégias que auxiliem o aluno a ler, entender e solucionar os problemas matemáticos.

Nesta linha de raciocínio, Oliveira (2018, p. 12) explica que quando o aluno, no decorrer de sua vida escolar, entra em constante contato com situações problemas de Matemática, este poderá adquirir capacidade específica para enfrentar e solucionar desafios

matemáticos tanto na escola como no seu cotidiano. Isso porque como ressalta a autora “resolver problemas é uma prática intrínseca ao ser humano ao longo de sua existência”.

Ao perceber a maioria dos alunos, em atividades anteriores, resolvendo as operações matemáticas mentalmente, sem fazer uso dos algoritmos, decidi trabalhar com a dinâmica da problemoteca no intuito de contribuir com o processo cognitivo da linguagem matemática e, assim, ajudá-los a traduzirem os enunciados matemáticos contidos nos problemas e promover conhecimentos sobre os códigos linguísticos, por meio do lúdico.

A ludicidade tem em sua essência a capacidade de favorecer o processo ensino-aprendizagem pelas crianças, pois através de brincadeiras e jogos educativos os alunos ficam mais entusiasmados a produzir atividades que consideram pouco prazerosas. Ela é necessária para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança.

No interior da caixa problemoteca foram feitas divisórias e em cada uma delas continha cartões confeccionados com papel cartão de cores diferentes. Neles foram escritos problemas matemáticos envolvendo medidas de capacidade e as quatro operações matemática. Em relação aos mais variados tipos de problemas matemáticos, Dante (2009) aponta seis deles:

1. Exercícios de reconhecimento: têm o objetivo de testar se determinados conceitos ou propriedades foram aprendidos;
2. Exercícios de algoritmos: resolver operações diretamente solicitadas;
3. Problemas-padrão: o aluno precisa “traduzir” para a linguagem matemática para, então, produzir a solução;
4. Problemas-processo ou heurísticos: a resolução não pode ser encontrada utilizando apenas os dados fornecidos no enunciado, necessitando mobilizar conhecimentos específicos da situação-problema;
5. Problemas de aplicação: exigem o uso de conceitos, técnicas, procedimentos, domínio da linguagem, abstrações etc. para matematizar situações reais;
6. Problemas de quebra-cabeça: desafios que dependem, quase sempre, de um ou mais “truques” (DANTE, 2009, p. 50-51).

Contudo nesta atividade desenvolvida com os alunos do 4º ano foi possível utilizar apenas os problemas-padrão, pois nosso objetivo ao trabalhar com a resolução de problemas era estimulá-los a interpretar os enunciados das questões matemáticas, de maneira a encontrar solução para as mesmas. Logo abaixo disponibilizo o modelo de caixa problemoteca retirado de site da internet, que serviu como inspiração na construção da caixa problemoteca usada na dinâmica de sala de aula:

Figura 2 - Modelo de caixa problemoteca

Fonte: Alfabetização CEFAPRO¹

Figura 3 - Caixa Problemoteca: confecção autoral

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2016)

Distribuí as embalagens para os alunos que estavam formados em equipe de cinco componentes e cada equipe ficou responsável a explicar aos outros alunos da turma sua compreensão sobre Medidas de Capacidade. Depois as fichas com os problemas foram distribuídas e o grupo deveria responder no caderno, refletindo sobre a capacidade de cada embalagem e também, de acordo com o enunciado das questões, perceberem quais estratégias utilizar, para desenvolver os problemas.

No decorrer do primeiro tempo de aula os alunos apresentavam dúvidas sobre qual operação deveriam usar para desenvolver os problemas. Isso sugere falta de interpretação textual, bem como, dificuldades enfrentadas pelas crianças na escrita dos algoritmos matemáticos. No segundo momento foram trazidos e solucionados com ajuda da professora os problemas da problemoteca e cerca de 6 a 7 do total de 20 alunos desenvolveram as questões propostas usando os algoritmos.

A professora antes de começar a correção dos problemas matemáticos (da problemoteca), orientava os grupos de alunos, incentivando-os a pensar e rediscutir seus conceitos matemáticos. Na hora da correção um aluno de cada grupo lia o enunciado de sua questão. Então, um aluno da outra equipe comentava a resolução e a professora escrevia no quadro o esquema da operação sugerida pelos alunos, que nem sempre estava correspondendo

¹ Disponível em: <<http://alfabetizacaocefaproponteselacerda.blogspot.com/2013/02/sugestao-situacoes-problemoteca.html>>. Acesso em: 16/11/2019.

ao enunciado do problema. Ela indagava um e outro até que se validasse o procedimento da questão proposta.

Oliveira (2018, p.13) explicita que “[...] dificuldades com a linguagem matemática podem levar a interpretações errôneas e, conseqüentemente, a complicações na compreensão dos textos matemáticos ao longo da vida escolar”. Silveira (2014, p. 8) comenta que o professor precisa dar voz ao aluno, uma vez que não se tem acesso aos seus pensamentos. Em outras palavras, é necessário deixá-lo expressar seus pronunciamentos, dar oportunidade ao aluno de esclarecer dúvidas e evitar equívocos na interpretação dos enunciados matemáticos.

As pesquisas, voltadas para a análise das dificuldades na aprendizagem em relação à interpretação da linguagem matemática, são de grande contribuição no âmbito acadêmico, pois a partir dos resultados encontrados, tanto os futuros professores como os que já atuam na área da educação matemática ou na educação básica, terão suporte teórico para interagir de forma consistente e significativa neste aprendizado, que causa tantos transtornos e ojeriza na vida dos estudantes e até mesmo na dos próprios professores da disciplina. Seguir e aplicar as regras obedecendo aos critérios da linguagem matemática não é algo fácil de fazer. Contudo, o professor, além do aprofundamento teórico, necessita ser reflexivo e comprometido com as práticas educacionais, que viabilizem o conhecimento do objeto de estudo.

2.7. Atividades complementares: planejamento lúdico para trabalhar com textos

Existem diferentes metodologias de ensino na educação que podem contribuir para o aprendizado e o desenvolvimento do aluno. Logo, o Lúdico é um desses métodos que pode ajudar no desenvolvimento da leitura e escrita do aluno em sua trajetória escolar, ou seja, é uma forma dinâmica de ensino-aprendizagem que faz despertar o desejo do aluno de ler, contar e escrever histórias, assim superando o ensino da escrita e leitura que é visto pelo aluno por vezes tão maçante, sem vida e sem alegria. Portanto, Bittencourt e Ferreira (2002, p. 11) ressaltam que é possível “facilitar a aprendizagem utilizando-se de atividades lúdicas que criem um ambiente alfabetizador para favorecer o processo de aquisição de autonomia de aprendizagem”.

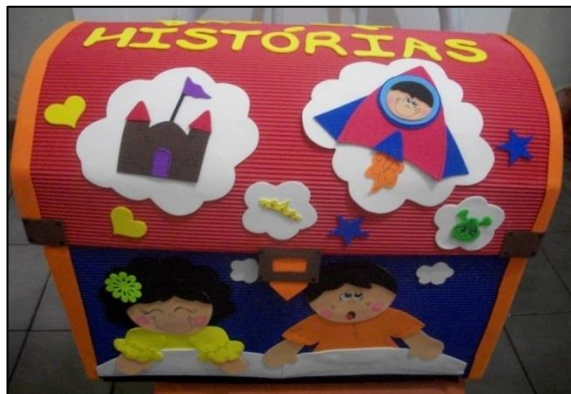
Neste sentido, nas subseções que seguem, relatarei duas experiências marcantes em que utilizamos atividades lúdicas no trabalho com gêneros textuais: conto e reconto de história, com o uso do gênero textual “Fábula” sob o título “Qual é a cor do amor?” da autora Linda Strachan e o gênero textual lenda no contexto da sala de aula, sendo utilizada a lenda “O Curupira”.

2.7.1 Conto e reconto de história

Em dezembro de 2016, no final do ano letivo e período das festas natalinas, os professores da Escola de Atuação (nome fictício) costumam organizar confraternização com seus alunos. Esta programação faz parte do currículo da escola e assim cada professor regente pode realizar lanche e brincadeiras com seus alunos no interior da sala de aula. Então, a professora Mara e eu planejamos uma tarde recheada de “gostosuras” e “travessuras”.

Ela pediu aos pais dos alunos que levassem iguarias, refrescos, refrigerantes e também uma caixa de bombons (brincadeira do amigo doce). Diante dos preparativos para a festa, propus levar um baú de histórias. Para tanto, minha filha, uma ex-aluna do acompanhamento escolar (aulas particular) e eu, passamos quase uma semana na construção desse baú, que foi trabalhoso, custou caro, mas quando ficou pronto ficamos felizes ao ver o resultado de nossa criação. A seguir disponibilizo o modelo de baú de histórias retirado de site da internet, que serviu como inspiração na construção do baú de histórias usado em sala de aula:

Figura 4 - Modelo de baú de histórias



Fonte: Pinterest²

² Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/137570963597971617/?lp=true>>. Acesso em: 16/11/2019.

Figura 5 - Baú de Histórias: confecção autoral



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2016)

Escolhi o texto “Qual é a Cor do Amor?” (Anexo I) de Linda Strachan, porém a professora Mara já havia trabalhado este texto com os alunos. A versão utilizada pela professora tinha como personagem uma menina, por isso, escolhi o texto “Qual é a cor do amor?” com outros personagens e outra versão. Algo mais descontraído, que chamasse atenção das crianças e não se tornasse cansativo e desestimulador, afinal era final de ano e íamos comemorar a festa de Natal.

Então, levei para sala de aula uns fantoches e umas fichas com representação de alguns animais: elefante, papagaio, macaco e girafa. Reproduzi algumas cópias da história “Qual é a cor do Amor?” e distribui entre os alunos, que fizeram uma primeira leitura, silenciosa. Depois fiz a leitura junto com a turma e escolhi alguns alunos para recontarem a história, cada um ficou responsável por dar voz a um personagem. Abaixo, apresento o registro fotográfico deste momento:

Figura 6 - Conto e Reconto de História



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2016)

O planejamento deste momento lúdico e de aprendizagem, através do conto e reconto de histórias, utilizando o baú de histórias, foi articulado com o objetivo de instigar a imaginação das crianças. Embora naquele momento eu estivesse com dificuldades na transposição didática, com o apoio da professora consegui realizar bem a tarefa a qual me propus. Em relação à Transposição Didática, os autores Polidoro e Stigar (2010, p. 2) afirmam que ela “pode ser entendida como a passagem do saber científico ao saber ensinado [...] um processo de transformação do saber que se torna outro em relação ao saber destinado a ensinar”.

A contação de histórias é um hábito muito antigo, que se faz presente até hoje. As diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil do ministério da educação (MEC) recomenda fazer a imersão das crianças nas diferentes linguagens e gêneros textuais, visto que além de ajudar a alfabetizar a criança nas linguagens, contribui para a alfabetização matemática. O professor bem articulado pode selecionar histórias infantis, que em seu contexto tragam situações pertinentes para deixá-lo livre a trabalhar com as crianças conteúdos de Matemática como: contagem, numeração, espaço, geometria e etc.

2.7.2. O gênero textual lenda no contexto da sala de aula

No ano de 2017, cursando o 3º semestre, no decorrer do Eixo Temático “Fundamental de aquisição de Leitura e Escrita”, onde apresentava como tema os “Estudos teórico-práticos da alfabetização em língua materna I”, voltei à escola de atuação acompanhada de mais três discentes (colegas de curso). A proposta didática foi trabalhar com gêneros textuais e nossas atividades estavam voltadas para alunos do 5º ano da educação básica, que por coincidência eram discentes da professora Mara.

Nós planejamos uma sequencia didática com o objetivo de proporcionar aos alunos do 5º ano, da professora Mara, contato com alguns aspectos culturais de nossa região. Para tanto, usou-se o gênero textual lenda com intuito de ampliar seus conhecimentos e através da transmissão oral, favorecer a escrita, a produção de textos, agregar informações sobre a cultura amazônica e contribuir para a formação de pessoas reflexivas e atuantes na sociedade.

Para Bakhtin (1997, p. 312), “os gêneros correspondem a circunstâncias e a temas típicos da comunicação verbal e, por conseguinte, a certos pontos de contato típicos entre as significações da palavra e a realidade concreta”. E essas ‘circunstancias’ devem ser incluídas em situações interdisciplinares, em que o professor incentivará a aproximação dos conteúdos mediante relações entre as disciplinas do currículo, de forma que esta interdisciplinaridade venha aproximar os objetos de estudo relacionando-os ao contexto social do aluno.

A lenda é um gênero textual muito antigo, que permite várias versões, modificações e adaptações e que se adequa ao tempo e ao espaço geográfico onde é reproduzida. Por possuir linguagem de fácil compreensão favorece a imaginação, a criatividade, a interpretação e a interatividade entre leitores e ouvintes.

A lenda “O curupira” é muito popular e conhecida na região Norte, possui várias versões e traz em sua essência lições importantes que propicia refletir sobre vários assuntos. Esta lenda trata sobre exploração das matas, da morte e maltrato da fauna e da flora, da caça predatória, da ambição de caçadores e do nosso papel na preservação ao meio ambiente.

Assim, as crianças no contato com narrativas orais sobre determinados assuntos que circulam na sociedade, como os citados anteriormente, são capazes de ampliar sua bagagem cultural, participar na (re) transmissão e modificação das informações, podendo também intervir junto aos adultos através de suas próprias explicações. Para Sarmiento (2005, p. 21), isto implica que “as crianças não recebem uma cultura constituída que lhes atribui um lugar e papéis sociais, mas operam transformações nessa cultura, seja sob a forma como a interpretam e integram, seja nos efeitos que nela produzem, a partir das suas próprias práticas”.

O primeiro encontro ocorreu na tarde do dia sete de agosto de 2017 e contou com a presença e a colaboração dos 28 alunos da professora R. M., meninas e meninos na faixa etária de 10-16 anos. A proposta para esse primeiro encontro foi promover um diálogo com os alunos sobre o gênero textual lenda, através de questionamentos sobre os conhecimentos prévios dos alunos a respeito das características do gênero em questão: Vocês sabem o que são lendas? Elas falam de que assunto? Como sua produção é estruturada? Elas têm autoria? Antes disso, a professora regente fez uma pequena introdução do assunto, até porque esta já vinha trabalhando com suas crianças o gênero textual lenda.

No decorrer do período de argumentação a criançada estava animada, respondiam com convicção aos questionamentos e no momento que foi solicitado a recontagem de uma lenda, aconteceu uma surpresa, porque, alguns alunos foram à frente da turma, usaram alguns acessórios de contação de histórias como, chapéu, cachecol, colar havaiano, avental com velcro onde os personagens de algumas lendas estavam fixados e recontaram com suas próprias palavras lendas como, “A mula sem cabeça”, “O Boto”, “A Iara” e “O Curupira”. A seguir a figura 7 vem representando um dos momentos vivido em sala de aula:

Figura 7 - Reconto de lendas feita pelos os alunos



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017)

Foi um momento especial e único, afinal só vale ir para sala de aula se formos com dedicação e paixão pelo processo de ensino aprendizagem. A meu ver ensinar é muito mais que oferecer ao aluno um conhecimento pronto e acabado ou “encher” a cabecinha de nossos alunos com uma porção de conteúdos, às vezes tão sem contextualização e importância para o seu dia-a-dia. O fazer pedagógico exige do professor sensibilidade, motivação, aquisição de novos saberes, disposição para trabalhar de forma interdisciplinar e o refazer sobre o fazer.

Para o segundo momento foi apresentado o vídeo “Lenda do curupira”³ da turma do folclore. Após alguns contratempos para passar o vídeo foram dadas recomendações aos alunos, sobre a atenção necessária à história, em especial a algumas partes desta; todos prontos para assistir a sessão, alguns sentados nas próprias cadeiras e outros dispostos no chão da sala, finalmente iniciou o vídeo.

Quando a sessão do vídeo acabou a criançada voltou aos seus lugares e neste momento foram entregues folhas de papel A4, para que eles desenhasssem ou escrevessem uma frase, sobre a parte do vídeo que mais lhes chamou atenção. Também foram entregues a eles lápis de cor e giz de cera. Novamente aconteceu outra surpresa, pois algumas crianças além de desenharem, escreveram uma frase. Essa atividade levou um pouco mais de tempo, a maioria dos alunos estava empenhada em fazer um bom desenho e ainda queria pintar.

A seguir, demonstro quatro das quase trinta e três representações retratadas pelos alunos feitas através de suas percepções apreendidas durante a exibição do vídeo “Lenda do Curupira”.

³ O vídeo “Lenda do Curupira” você encontrará no youtube turma do folclore, no site <https://www.youtube.com/watch?v=gKpiIzfNQA8>.

Figura 8 - Algumas produções dos alunos sobre a “Lenda do Curupira”



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017)

Nestas imagens pode-se notar a representação do ambiente natural onde vive o personagem principal da história do vídeo, o Curupira, assim como a dos seus amigos, os animais da floresta. Algumas crianças, além do desenho, apoiaram-se na escrita. É relevante que o professor insira em seu plano de ensino atividades de produção e interpretação de histórias, que permitam desafiar a criatividade do seu alunado.

As estratégias da sequência didática sobre lendas contribuíram para melhor interação entre os alunos. Durante todo o processo de ensino aprendizagem foi possível verificar que os alunos tinham conhecimentos prévios sobre a temática tratada na aula. As perguntas foram respondidas com autoconfiança e as atividades efetuadas com bom índice de compreensão. Percebeu-se claramente que os estudos anteriores ministrados pela Professora Mara foram apreendidos pelas crianças.

3. ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA I

O estágio acadêmico é um momento importante no processo de ensino-aprendizagem na formação do profissional docente, pois proporciona oportunidades de vivenciar na prática as teorias aprendidas na academia, propiciando desta forma a aquisição de conhecimentos sobre a docência. Conforme Pimenta e Lima (2004, p. 103) “o estágio como reflexão de práxis possibilita aos alunos que ainda não exercem o magistério aprender com aqueles que já possuem experiência na atividade docente”.

Para Pimenta e Lima (2004) o período do estágio pode se transformar num espaço de formação de cunho investigativo, que permite ao estagiário refletir e desenvolver práticas interventivas na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade, numa perspectiva de conciliar teoria e prática. Nesta condição:

“O licenciando poderá ter visão mais apurada as práticas pedagógicas de sala de aula, poder se aproximar da realidade escolar assimilando e selecionando práticas docentes produtivas, que contribuam significativamente nos mais diversos mecanismos de sua formação acadêmica” (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 7).

3.1. Projeto “plantando rosas colhendo paz”: combate à violência escolar

No ano de 2018, no período dos meses de Agosto à Novembro voltei à escola para realizar estágio de Docência I. Neste tópico destacarei algumas experiências que considerei relevante para minha formação acadêmica. Contudo, para nos situar no tempo, antes devo ressaltar que no ano de 2016, período em que estive na Escola de Atuação para desenvolver atividades referentes ao estudo do tema “Prática Antecipada à docência em Espaços Formais de Ensino de Ciências, Matemática e Linguagens” notei que alguns alunos, na hora do recreio, agrediam-se física e moralmente uns aos outros. Em contra partida outros estavam brincando de pingue pongue e jogo de dama, na área do refeitório.

Ao buscar informações na coordenação, descobri que os jogos foram oferecidos aos alunos com intuito de amenizar os conflitos. Isso significa que a direção da escola entende que nesse intervalo de tempo (recreio) os alunos têm uma necessidade de liberar energia, por conseguinte, sem opções favoráveis para fluir tanto vigor, eles acabam gerando intrigas e brigas entre si, por isso é interessante tornar a hora do recreio um instante atrativo e divertido.

A partir desta observação, decidi levar para a escola alguns jogos e brincadeiras, por acreditar que são atividades imprescindíveis ao desenvolvimento cognitivo das crianças e que

podem contribuir com o processo de socialização, aquisição e aprendizagem de novos conhecimentos. Assim, a estratégia foi utilizada no horário do recreio dos alunos, com uso de pula corda, pula elástico, jogo da velha humano, jogo de boliche das quatro operações básicas (adição, subtração, multiplicação e divisão), tabuleiro de xadrez e dama. As imagens a seguir marca o momento da ação destas brincadeiras praticadas na hora do recreio das crianças:

Figura 9 - Jogo da Velha



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2016)

Figura 10 - Brincadeira de Pula Elástico



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Naquela data, em 2016, pratiquei uma ação solitária, com a pretensão de exercitar o respeito mútuo e a solidariedade dos alunos ao seu adversário de jogo. Porém, para minha surpresa ao regressar à escola no ano de 2018, vi a maioria das crianças, sob a supervisão de uma professora, brincando com diversos jogos e brinquedos, isso me chamou a atenção e comecei a indagar sobre o que tinha acontecido, então, descobri que uma das professoras da escola idealizou um projeto intitulado “Plantando Rosas Colhendo Paz”, visando minimizar as situações de violência apresentadas no momento do recreio. Ela obteve o apoio da direção e seus colegas também abraçaram a causa, sendo que os referidos objetos também seriam usados nos momentos da aula de educação física.

O projeto “Plantando Rosas Colhendo Paz” vem acontecendo no espaço da escola deste o início do ano letivo de 2018 com objetivo de diminuir os casos de agressão física, que aconteciam por motivos irrisórios, entre alguns alunos na hora do intervalo, momento destinado para as crianças lancharem, correrem, rirem, brincarem de bola, pega-pega e etc. Iniciou, a princípio, com as turmas do 5º ano do ensino fundamental.

Uma das propostas feitas dentro do projeto foi intitular um aluno de cada turma como guardião da paz, este ficaria responsável em monitorar os colegas na hora do recreio, tentando

evitar correrias e eventuais brigas. Também foi criada uma atividade de jardinagem com todos os alunos e os guardiões precisavam buscar conscientizar os colegas quanto aos cuidados de colocar água nas plantinhas e não quebrar seus galhos.

Foi realizado um concurso para escolher a logomarca do projeto, sendo que foram os alunos que participaram com suas criações artísticas. Procurou-se também envolver os familiares dos alunos lhes oportunizando participar de várias palestras dentro da escola relacionadas à violência doméstica e exploração infantil, bem como foi organizado um dia de beleza com corte de cabelo para homens e mulheres, design de sobrancelhas e barba e maquiagem.

Desta feita, pensando em contribuir com o projeto passei umas duas semanas construindo alguns brinquedos, como pés de lata (lata de leite vazia, punhos de rede e figuras adesivas) e vai-e-vem (garrafas pets, argolas de acrílico e corda de varal). Comprei uns jogos de botões, pois já havia na escola uma mesa para futebol de botão. A garotada fez a maior festa com os pés de lata e os vai-e-vem e eu fiquei feliz ao vê-los brincando e se divertindo na quadra de esporte. Abaixo, as imagens mostram os brinquedos confeccionados autorais:

Figura 11 - Pés de lata



Fonte: arquivo pessoal da autora

Figura 12 - Vai-e-vem de garrafa pet



Fonte: arquivo pessoal da autora

A violência de estudantes contra os colegas dentro do espaço de sala de aula ou em outros locais da escola, ainda é um fenômeno que vem preocupando, não só apenas os professores e o corpo administrativo da Instituição escolar, mas também a sociedade como um todo, contudo faz-se necessário que se desenvolva ações preventivas, que visem melhorar as relações interpessoais entre os atores escolares. O projeto “Plantando Rosas Colhendo Paz” é um exemplo de como buscar soluções plausíveis a esta complexa realidade escolar.

3.2. A importância da criatividade pedagógica no trabalho docente

Outro momento de grande relevância para a minha formação docente foi quando no mês de outubro do ano de 2018 pude fazer uma participação especial no calendário da escola para o dia das crianças. Como estava estagiando na turma de alunos do 2º ano, crianças adoráveis, havia feito piões de CD (CD usado, tampa de garrafa pet e peteca de gude), alguns anéis de missangas, ponteiros de lápis em E.V.A e uns laços de cabelo. Foi uma maneira que encontrei de agradar as crianças e deixá-las felizes, pois muitas delas, em virtude da situação econômica da família, talvez não recebessem nenhum brinquedo naquele dia tão especial, dia das crianças. A seguir, represento nas imagens os brindes que foram apresentados às crianças:

Figura 13 - Brindes: Piões em CD, anéis de missangas, ponteiros de lápis e laços de cabelo



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018)

Assim, no dia 11 de outubro, data marcada pela direção da escola para a comemoração do dia das crianças, a escola estava esperando um grupo de contadores de história, porém a trupe de artista não compareceu. Neste dia ficamos muito apreensivos, pois os professores de arte e educação física, que sempre ficavam responsáveis por planejar as dinâmicas festivas da escola, desta vez não puderam se solidarizar com a comemoração.

Para tentar sanar a situação eu e mais duas colegas de estágio, que também estavam na época estagiando na mesma escola, nos trajamos com algumas vestimentas trazidas do Laboratório de Atividades Lúdicas (LUDLAB) do Instituto de Educação Matemática e

Científica da Universidade Federal do Pará (IEMCI /UFPA) e fizemos uma encenação teatral, usando como enredo uma história que inventei no momento que percebi o enredo da situação problema da escola. O título da história ainda permanece improvisado, mas na hora batizei-o de “Uma rainha bem maluquinha que pensa ter perdido sua coroa”. Esta história pretendo publicar para que sirva de inspiração para a pedagogia de teatro como indicado por Contieiro e Fernandes (2018).

A professora Mara também participou da encenação, como um elemento bastante importante naquele episódio, pois é uma pessoa alegre e extrovertida. Esta última característica lhe é bem atribuída por ter imensa facilidade de se destacar em sociais. A seguir, apresento-lhes a representando o momento vivenciado por mim, minhas colegas de estágio, a professora Mara e os alunos da escola.

Figura 14 - Apresentação da história: “Uma rainha bem maluquinha que pensa ter perdido sua coroa”



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018)

No final da apresentação recebemos múltiplos aplausos e aprendemos que o professor, diante de situações adversas dentro do lócus educacional, precisará ter uma segunda estratégia para cada atividade planejada. Na continuidade do evento escolar, fizemos algumas dinâmicas com as crianças (eu e as outras duas estagiárias), como brincadeira com o uso de bambolês (dentro e fora) e toca do coelho. Na sequência foi servido um lanche (hot-dog com suco) e logo depois cada professor regente de sala direcionou seus alunos às salas de aula, para efetuarem algumas dinâmicas preparadas individualmente para cada ano série.

Nesta época, como falei anteriormente, estava na Escola de Atuação fazendo Estágio de Docência I junto à professora Joelma (nome fictício) dos alunos do 2º ano do Ensino

Fundamental I, assim, quando esta se encaminhou para sua respectiva sala de aula, eu a acompanhei e fiquei ajudando-a com atividades de desenho e pintura, que as crianças estavam desenvolvendo.

Ao circular em volta das carteiras para observar os desenhos das crianças, fiquei emocionada ao visualizar algumas imagens feitas por alguns deles na folha de papel A4, pois eram representações relacionadas aos elementos constitutivos da história “Uma rainha bem maluquinha que pensa ter perdido sua coroa”. Para Vigotski (2009, p. 20) isso acontece porque a criança se apropria desses elementos, internaliza-os em seu repertório psicológico e expressa no desenho as suas impressões.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de Licenciatura Integrada possibilitou-me, a partir do 2º semestre, manter o primeiro contato com o ambiente formal de ensino e relacionar meus novos conhecimentos, adquiridos na academia com a prática do dia a dia. Esse momento serve para aqueles alunos que não se viram como futuros professores, procurar realizar seu sonho profissional noutra área acadêmica, e para quem se identificou com a docência, encontrar seu lugar na profissão de docente.

Esses encontros, no espaço da escola, contribuíram na construção da minha identidade profissional e levou-me a refletir sobre a realidade na qual atuarei futuramente, ou seja, o cotidiano da escola e da sala de aula, também, foi relevante para o aprimoramento de meus saberes docentes, na troca e compartilhamento de novas experiências.

Nas primeiras semanas do estágio descobri que a cada ano letivo se elabora um novo plano de ensino e para concebê-lo leva-se em consideração o momento histórico, a realidade escolar e a leitura do perfil dos alunos. A docente com quem estagiei no início da minha formação ratificou que os conteúdos disciplinares sobre estes aspectos, contemplam sua proposta de ensino no decorrer de suas aulas e facilita aos alunos melhor apropriação dos assuntos a serem estudados. Diante dessas observações, conclui que o planejamento é necessário na vida docente, a partir dele pode-se organizar o que e como e para quem ensinar, e assim facilita a tarefa do professor e o processo de ensino-aprendizagem.

A partir das memórias descritas e analisadas neste memorial, posso dizer que o mundo da docência exige várias competências e entre elas está em articular bem as ideias no momento de elaborar um plano de ensino; descobrir os saberes prévios dos alunos e conhecer a realidade social destes. Assim sendo, a docência não está somente em conhecer a tarefa de gestão do professor ou as exigências burocráticas da escola, mas ter em mente que o conjunto dessas perspectivas será norteador para bem desenvolver a docência.

As reflexões memoriais sobre o percurso que me leva a constituir-me uma docente levou-me a entender melhor o significado de espaço da escola como espaço profissional em que não se pode esquecer os aspectos sociais e culturais que constituem o entorno do local de trabalho, a comunidade local, o conteúdo e muito mais.

Percebo a escola como um “quebra cabeça de mil peças”, pois nela tem muitas peças que precisam ser engrenadas para formar os alunos, especialmente na sua autonomia intelectual. Unir estas peças parece às vezes impossível e abstrato demais, mas fazendo uma retrospectiva do já fui enquanto aluna, estagiária acadêmica e futura professora compreendo

que muito faz parte da minha identidade, mas também vejo que ainda muito se tem a fazer para que se torne real, por exemplo, o sonho de melhorias e transformações na educação de nosso país. Eu me sinto uma formiguinha que aos poucos carrega um pilar para sustentar o teto de uma educação igualitária, pois vejo uns com tanto e outros com bem pouco.

As minhas narrativas e reflexões me levam a entender que a escola urge por pessoas que trabalhem para o bem comum, que possam para prover os alunos de conhecimentos, sim, mas também de afeto e atenção. Enquanto isso não acontece na íntegra, vou avaliar sobre minha inserção na escola pública enquanto futura professora, dando o melhor de mim não para cumprir carga horária e ganhar um conceito, mas vivenciar o significado do ensinar e do aprender.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

AUSUBEL, David P. **Adquisición y retención del conocimiento**. Uma perspectiva cognitiva. Cognición y desarrollo humano. Barcelona: PAIDÓS, 2002.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira, Revisão da tradução Marina Appenzellerl. 2 ed. - São Paulo Martins Fontes, 1997.

BITTENCOURT, G. R.; FERREIRA, M. D. M.. **A importância do lúdico na alfabetização**. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia - Universidade da Amazônia. Pará, 2002.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília/DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 01/11/2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Avaliação**. 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=13565>. Acesso em: 29/11/2019.

CONTIERO, Lucinéia; SANTOS, Fernando Freitas dos; FERNANDES, Matheus Vinícius de S. (Org.). **Pedagogia do teatro: prática, teoria e trajetórias de formação docente**. Natal: Edufrn, 2018.

COSTA, J. S; OLIVEIRA, R. M. M. A. **A iniciação na docência: analisando experiências de alunos professores das licenciaturas**. Olhar de professor - Ponta Grossa, 2007. Disponível em: <<http://www.uepg.br/olhardeprofessor>>. Acesso em: 28/11/2019.

DANTE, L. R. **Formulação e resolução de problemas de matemática: teoria e prática**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2009.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. São Paulo: GRUBHAS, 2003.

GUEDES, Shirlei Terezinha Roman. **A relação teoria e prática no estágio supervisionado**. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCPR, 2009. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3582_2162.pdf>. Acesso em: 29/11/2019.

KRUSCHEWSKY, A. A. **A importância da motivação para a participação e aprendizagem matemática dos alunos**. Monografia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Curso de Licenciatura em Matemática. Vitória da Conquista – BA, 2016.

MENDONÇA, Amanda de. **Escola x religião: exclusão e preconceitos na rede pública do Rio de Janeiro**. Ministério Público - Em Defesa do Estado Laico. Brasília: CNMP, 2014.

OLIVEIRA, C. A. **Interpretação dos enunciados de problemas matemáticos: um estudo com alunos do sexto ano do ensino fundamental de uma escola pública do interior de Minas Gerais**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Ouro Preto. Mestrado em Educação Matemática. Ouro Preto, 2018.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

POLIDORO, L. F; STIGAR, R. **A transposição didática: a passagem do saber científico para o saber escolar**. Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Edição 27 – Ano VI, 2010. Disponível em: < <https://ciberteologia.com.br/assets/pdf/post/a-transposicao-didatica-a-passagem-do-saber-cientifico-para-o-saber-escolar.pdf>>. Acesso em: 16/11/2019.

REDA, M. G; UJIIE, N. T. **A educação infantil e o processo de adaptação: as concepções de educadoras da infância**. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCPR, 2009. Disponível em: < https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2496_1090.pdf>. Acesso em: 28/11/2019.

SARMENTO, M. J. **Crianças: educação, culturas e cidadania activa refletindo em torno de uma proposta de trabalho**. PERSPECTIVA - v. 23, n. 01, p. 17-40. Florianópolis, 2005. Disponível em: < <file:///C:/Users/estelita/Downloads/9857-29457-1-PB.pdf>>. Acesso em: 16/11/2019.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor**. Tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SILVEIRA, M. R. A. **Linguagem, matemática e conhecimento**. V Jornada Nacional de Educação Matemática e XVII Jornada Regional de Educação Matemática Universidade de Passo Fundo – Passo Fundo, Rio Grande do Sul, 2014.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. **A formação de docentes da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, em nível médio, no Estado do Paraná**. Documento para organização do Curso de Formação de Professores em nível Médio na Escola Pública do Paraná. 2003, digit.

SOUZA, A. P; CASTILHO, L. C. **O jornal na sala de aula e suas contribuições para o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita**. Revista Conexão UEPG - v. 12 n. 2. Ponta Grossa, 2016. Disponível em: < [file:///C:/Users/estelita/Downloads/Dialnet-OJornalNaSalaDeAulaESuasContribuicoesParaOProcesso-6861063%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/estelita/Downloads/Dialnet-OJornalNaSalaDeAulaESuasContribuicoesParaOProcesso-6861063%20(1).pdf)>. Acesso em: 16/11/2019.

ZABALZA, M. A. **Diários de Aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. **Laicidade Estatal tomada a sério**. Revista Jus Navigandi - Teresina, 2008. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/11463>. Acesso em: 14/11/2019.

VIGOTSKI, Lev. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. Apresentação e Comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

ANEXO I

QUAL É A COR DO AMOR?

Autora: Linda Strachan

Disponível em: <https://pt.slideshare.net/soniascheleski/qual-a-cor-do-amor>.

Era um dia com sol, os passarinhos cantando, enfim um dia normal.

Numa casa morava um elefantinho cinzento que perguntou a sua mãe:

- Mãe por que eu sou cinza?

Sua mãe respondeu:

- Esta é sua cor meu filho.

Logo o elefantinho cinzento perguntou:

- Qual é a cor do amor?

Sua mãe respondeu:

- O amor pode ser de qualquer cor.

O elefantinho cinzento não estava contente com a resposta que a sua mãe deu, e foi atrás de outras respostas.

Saiu de casa e foi perguntando para quem ele ia encontrando.

O primeiro bicho foi o macaco Chico. E o elefantinho cinzento perguntou:

- Chico qual é a cor do seu amor?

O macaco respondeu:

- A cor do meu amor é verde.

O elefantinho cinzento agradeceu e seguiu o seu caminho.

O segundo bicho que ele encontrou foi o papagaio Loro.

O elefantinho cinzento perguntou:

- Qual é a cor do seu amor?

O papagaio respondeu:

- A cor do meu amor é amarela.

O elefantinho cinzento agradeceu e seguiu caminho.

O terceiro bicho foi o leãozinho Léo.

O elefantinho cinzento perguntou:

- Qual é a cor do seu amor?

O leãozinho respondeu:

- A cor do meu amor é azul.

O elefantinho cinzento encontrou uma girafinha, a Mel que procurava a mesma coisa que ele.

E o elefantinho perguntou:

- Qual é a cor do seu amor?

A girafinha respondeu:

- Eu estou procurando.

O elefantinho viu que já estava noite e voltou para casa.

Quando o elefantinho chegou a sua casa foi direto para sua cama.

Logo o elefantinho pegou no sono e sonhou com vários bichos, plantas coloridas, e muito mais...

O elefantinho descobriu a cor do amor!

E contou para sua mãe que a cor do amor não tem uma só cor, depende do seu amor, do seu sentimento.

O elefantinho cinzento foi correndo contar a Mel a girafinha a sua nova descoberta, que o amor é colorido!